

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

JANEIRO DE 1863

Nº 1

Estudo sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

(Segundo artigo)

Em nosso artigo precedente¹ expomos a maneira pela qual se exerce a ação dos Espíritos sobre o homem, ação, por assim dizer, material. Sua causa está inteiramente no *perispírito*, princípio não só de todos os fenômenos espíritas propriamente ditos, mas de uma imensidade de efeitos morais, fisiológicos e patológicos, incompreendidos antes do conhecimento desse agente, cuja descoberta, se assim nos podemos exprimir, abrirá horizontes novos à Ciência, quando esta se dispuser a reconhecer a existência do mundo invisível.

Como vimos, o perispírito representa importante papel em todos os fenômenos da vida; é a fonte de uma porção de afecções, cuja causa é em vão buscada pelo escalpelo na alteração dos órgãos, e contra as quais é impotente a terapêutica. Por sua expansão explicam-se, ainda, as reações de indivíduo a indivíduo, as atrações e as repulsões instintivas, a ação magnética, etc. No

¹ Ver o número de dezembro de 1862.

Espírito livre, isto é, desencarnado, substitui o corpo material; é o agente sensitivo, o órgão por meio do qual ele age. Pela natureza fluídica e expansiva do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer atuar, rodeia-o, envolve-o, penetra-o e o magnetiza. Vivendo em meio ao mundo invisível, o homem está incessantemente submetido a essas influências, assim como às da atmosfera que respira, traduzindo-se aquelas por efeitos morais e fisiológicos dos quais não se dá conta e que, muitas vezes, atribui a causas inteiramente contrárias. Essa influência difere, naturalmente, segundo as qualidades, boas ou más, do Espírito, como já explicamos no artigo anterior. Se ele for bom e benevolente a influência, ou, se quisermos, a impressão, é agradável e salutar; é como as carícias de uma terna mãe, que abraça o filho. Se for mau e perverso, será dura, penosa, aflitiva e por vezes perniciosa; não abraça: constrange. Vivemos num oceano fluídico, expostos incessantemente a correntes contrárias, que atraímos ou repelimos, e às quais nos abandonamos, conforme nossas qualidades pessoais, mas em cujo meio o homem sempre conserva o seu livre-arbítrio, atributo essencial de sua natureza, em virtude do qual pode sempre escolher o caminho.

Como se vê, isto é inteiramente independente da faculdade mediúnica, tal como é concebida vulgarmente. Estando a ação do mundo invisível na ordem das coisas naturais, ela se exerce sobre o homem, abstração feita de qualquer conhecimento espírita. Estamos a elas submetidos, como o estamos à influência da eletricidade atmosférica, mesmo não sabendo a Física, como ficamos doentes, sem conhecer a Medicina. Ora, assim como a Física nos ensina a causa de certos fenômenos e a Medicina a de certas doenças, o estudo da ciência espírita nos ensina a causa dos fenômenos devidos às influências ocultas do mundo invisível e nos explica o que, sem isto, nos parecerá inexplicável. A mediunidade é o meio direto de observação. O médium – que nos permitam a comparação – é o instrumento de laboratório pelo qual a ação do mundo invisível se traduz de maneira patente. E, pela facilidade que

nos oferece de repetir as experiências, permite-nos estudar o modo e os diversos matizes desta ação. Destes estudos e destas observações nasceu a ciência espírita.

Todo indivíduo que, de uma maneira ou de outra, sofre a influência dos Espíritos, é, por isto mesmo, médium, razão por que se pode dizer que todo o mundo é médium. Mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa que se chegou a constatar a existência do mundo invisível e, pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, foi possível esclarecer a qualidade dos seres que o compõem e o papel que representam na Natureza. O médium fez pelo mundo invisível o que fez o microscópio pelo mundo dos infinitamente pequenos.

É, pois, uma nova força, uma nova faculdade, uma nova lei, numa palavra, que nos foi revelada. É realmente inconcebível que a incredulidade repila mesmo a idéia, levando-se em conta que esta idéia supõe em nós uma alma, um princípio inteligente que sobrevive ao corpo. Se se tratasse da descoberta de uma substância material e ininteligente, seria aceita sem dificuldade. Mas uma ação inteligente fora do homem é, para eles, superstição. Se, da observação dos fatos produzidos pela mediunidade, remontarmos aos fatos gerais, poderemos, pela similitude dos efeitos, concluir pela similitude das causas. Ora, é constatando a analogia dos fenômenos de Morzine com aqueles que diariamente a mediunidade põe aos nossos olhos que nos parece evidente a participação dos Espíritos malfazejos naquela circunstância; e não o será menos para quantos tiverem meditado sobre os numerosos casos isolados, relatados na *Revista Espírita*. A única diferença está no caráter epidêmico da afecção. Mas a História registra alguns fatos semelhantes, entre os quais figuram o das religiosas de Loudun, dos convulsionários de Saint-Médard, dos calvinistas das Cévènes e dos possessos do tempo do Cristo. Estes últimos, sobretudo, apresentam notável analogia com os de Morzine; e – coisa digna de nota – em qualquer parte onde esses fenômenos se produzissem, a

idéia de que fossem devidos a Espíritos era o pensamento dominante e como que intuitiva naqueles por eles afetados.

Se nos reportarmos ao nosso primeiro artigo sobre a teoria da obsessão, contida em *O Livro dos Médiuns*, e aos fatos relatados na *Revista*, veremos que a ação dos Espíritos maus, sobre os indivíduos de que se apoderam, apresenta nuanças de intensidade e duração extremamente variadas, conforme o grau de malignidade e perversidade do Espírito e, também, de acordo com o estado moral da pessoa que lhes dá acesso mais ou menos fácil. Muitas vezes tal ação é temporária e acidental, mais maliciosa e desagradável que perigosa, como no caso que relatamos em nosso artigo anterior. O fato seguinte pertence a esta categoria:

O Sr. Indermühle, de Berna, membro da Sociedade Espírita de Paris, contou-nos que em sua propriedade de Zimmerwald, o capataz, homem de força hercúlea, certa noite se sentiu agarrado por um indivíduo que o sacudia vigorosamente. Dir-se-ia um pesadelo; mas não era, pois o homem estava bem desperto, levantou-se, lutou algum tempo com quem o agarrava e, quando se sentiu livre, tomou do sabre, pendurado ao lado do leito, e pôs-se a esgrimi-lo no escuro, sem nada atingir. Acendeu uma vela, procurou por toda parte e não encontrou ninguém; a porta estava bem fechada. Mal retornara ao leito e o jardineiro, que estava no quarto ao lado, começou a pedir socorro, debatendo-se e gritando que o estrangulavam. O capataz correu para o vizinho, mas, tal como ocorrera consigo, não viu ninguém. Uma criada, que dormia na mesma construção, ouviu todo o barulho. Apavorados todos vieram, no dia seguinte, contar ao Sr. Indermühle o que se havia passado. Depois de ter-se informado de todos os detalhes e certo de que nenhum estranho poderia ter-se introduzido nos aposentos, foi levado a crer numa brincadeira de mau gosto, por parte de algum Espírito, já que manifestações físicas inequívocas, de diversas naturezas, se produziam desde algum tempo em sua casa. Tranqüilizou sua gente, recomendando que observassem com

cuidado tudo quanto se passasse, caso a coisa se repetisse. Como ele e a esposa fossem médiuns, evocou o Espírito perturbador, que confessou o fato e se desculpou, dizendo: “Eu vos queria falar, pois sou infeliz e necessito de vossas preces; há muito tempo faço tudo o que posso para vos chamar a atenção; bato à vossa porta e, até mesmo, já vos puxei a orelha (O Sr. Indermühle lembrou-se do fato), mas em vão. Então julguei que, protagonizando a cena da noite passada, pensaríeis em me chamar. Fizeste-o e estou contente; asseguro-vos, porém, que não tinha más intenções. Prometei chamar-me algumas vezes e orar por mim.” O Sr. Indermühle o repreendeu, repetiu a conversa, deu-lhe uma lição de moral, que ele escutou com prazer, orou por ele e disse aos criados que fizessem o mesmo, o que logo foi feito, já que eram pessoas piedosas. Desde então, tudo ficou em ordem.

Infelizmente, nem todos os Espíritos têm tão boa disposição; esse não era mau. Alguns há, porém, cuja ação é tenaz, permanente, podendo até mesmo haver conseqüências desagradáveis para a saúde dos indivíduos; direi mais: para suas faculdades intelectuais, caso o Espírito consiga subjugar a vítima, a ponto de neutralizar seu livre-arbítrio e constrangê-la a dizer e a fazer extravagâncias. Tal é o caso da loucura obsessiva, muito diversa nas causas, se não nos efeitos, da loucura patológica.

Em nossa viagem vimos o jovem obsidiado, do qual falamos na *Revista* de janeiro de 1861, sob o título de *Espírito batedor do Aube*, e ouvimos do próprio pai e de testemunhas oculares a confirmação de todos os fatos. O rapaz tem agora dezesseis anos; é saudável, forte, perfeitamente constituído e, contudo, queixa-se de dor no estômago e fraqueza nos membros, o que, segundo diz, o impede de trabalhar. Vendo-o, pode-se facilmente crer que a preguiça seja sua principal doença, o que nada tira à realidade dos fenômenos produzidos há cinco anos e que, sob muitos aspectos, lembram os de Bergzabern (*Revista*: maio, junho e julho de 1858). Já o mesmo não se dá com a sua saúde moral;

quando criança era muito inteligente e na escola aprendia com facilidade. Desde então suas faculdades enfraqueceram sensivelmente. Deve-se acrescentar que só recentemente ele e seus pais conheceram o Espiritismo, ainda por ouvir dizer e muito superficialmente, pois nada leram; antes nunca tinham ouvido falar. Não se poderia ver, assim, nenhuma causa provocadora. Os fenômenos materiais praticamente cessaram ou, pelo menos, são hoje muito mais raros; mas o estado moral é o mesmo, o que é tanto mais deplorável para os pais, que vivem do trabalho. Sabe-se da influência da prece em tais casos; mas como nada se pode esperar do rapaz em questão, seria necessário o concurso dos pais; estes estão convencidos de que o filho encontra-se sob má influência oculta, mas sua crença não vai além e sua fé religiosa é das mais fracas. Dissemos ao pai que era preciso orar, mas seriamente e com fervor. “É o que já me disseram”, respondeu ele; “Orei algumas vezes, mas sem resultado; se soubesse que orando uma porção de vezes durante vinte e quatro horas isto acabasse, eu o faria agora.” Por aí se vê de que maneira, nesta circunstância, podemos ser secundados por aqueles que são os maiores interessados.

Eis a contrapartida do caso e uma prova da eficácia da prece, quando feita com o coração e não com os lábios:

Contrariada em suas inclinações, uma mocinha se casara com um homem a quem não simpatizava. A mágoa que isso gerou levou-a a um distúrbio mental; dominada por uma idéia fixa, perdeu a razão e viram-se obrigados a interná-la. Ela jamais ouvira falar de Espiritismo; se dele se tivesse ocupado, não teria faltado quem dissesse que os Espíritos lhe haviam transtornado a cabeça. O mal provinha, assim, de uma causa moral, acidental e toda pessoal, compreendendo-se que, em tais casos, os remédios normais não poderiam ter nenhuma valia. Como não havia nenhuma obsessão aparente, podia-se duvidar igualmente da eficácia da prece.

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, amigo da família, julgou dever interrogar um Espírito superior, que respondeu: “A idéia fixa dessa senhora, por sua própria causa, atrai à sua volta uma multidão de Espíritos maus, que a envolvem com seus fluidos e alimentam suas idéias, impedindo cheguem até ela as boas influências. Os Espíritos dessa natureza abundam sempre em meios semelhantes ao em que ela se encontra e, muitas vezes, constituem obstáculo à cura dos doentes. Contudo podereis curá-la; mas, para tanto, é necessário uma força moral capaz de vencer a resistência. E tal força não é dada a um só. Que cinco ou seis espíritas sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes e peçam com fervor a Deus e aos Espíritos bons que a assistam; que a vossa prece fervorosa seja, ao mesmo tempo, uma magnetização mental; para tanto, não tendes necessidade de estar junto a ela; ao contrário: pelo pensamento podeis levar-lhe uma salutar corrente fluídica, cuja força estará na razão de vossa intenção, aumentada pelo número. Por tal meio podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto; tende fé e confiança em Deus e esperai.”

Seis pessoas se dedicaram a essa obra de caridade e, durante um mês, não faltaram sequer um dia à missão que haviam aceitado. Ao cabo de alguns dias a doente estava sensivelmente mais calma; quinze dias mais tarde a melhora era manifesta e hoje esta mulher voltou para sua casa em estado perfeitamente normal, ignorando ainda, como o seu marido, de onde lhe adveio a cura.

O modo de ação é aqui indicado claramente e nada teríamos a acrescentar de mais preciso à explicação dada pelo Espírito. Assim, a prece não tem apenas o efeito de levar ao paciente um socorro estranho, mas o de exercer uma ação magnética. O que não faria o magnetismo secundado pela prece! Infelizmente certos magnetizadores, a exemplo de muitos sábios, fazem abstração do elemento espiritual; vendo apenas a ação mecânica, privam-se, assim, de poderoso auxiliar. Esperamos que os verdadeiros espíritas vejam no fato uma prova a mais do bem que podem fazer em tal circunstância.

Naturalmente aqui se apresenta uma questão de grande importância: *O exercício da mediunidade pode provocar transtornos da saúde e das faculdades mentais?*

É de notar que, assim formulada, esta é a pergunta feita pela maioria dos antagonistas do Espiritismo ou, melhor dizendo, em vez de uma pergunta, eles reduzem o princípio a um axioma, afirmando que a mediunidade conduz à loucura. Falamos da loucura real e não desta, mais burlesca que séria, com que gratificam os adeptos. Conceber-se-ia a pergunta da parte de quem acreditasse na existência dos Espíritos e na ação que eles pudessem exercer, porque, para eles, existe algo de real. Mas para os que não acreditam a pergunta é um disparate, porquanto, se nada existe, esse nada não poderá produzir algo. Sendo a tese insustentável, eles se estribam nos perigos da superexcitação cerebral que, em sua opinião, é suficiente para produzir a crença nos Espíritos. Já tratamos desse ponto e a ele não mais voltaremos; apenas perguntamos se já foi feito o cadastro de todos os cérebros transtornados pelo medo do diabo e dos terríveis quadros das torturas do inferno e da danação eterna, e se é mais prejudicial acreditarmos que temos ao nosso lado Espíritos bons e benevolentes, os pais, os amigos e o anjo-da-guarda, do que o demônio.

Se for assim formulada, a pergunta se torna mais racional e mais séria, desde que se admita a existência e a ação dos Espíritos: *O exercício da mediunidade pode provocar num indivíduo a invasão de Espíritos maus e suas conseqüências?*

Jamais dissimulamos os escolhos encontrados na mediunidade, razão por que, em *O Livro dos Médiuns*, multiplicamos as instruções a tal respeito, não tendo cessado de recomendar o seu estudo prévio, antes de se entregarem à prática.

Assim, desde a publicação daquele livro, o número de obsidiados diminuiu sensível e notoriamente, porque poupa uma experiência que os noviços muitas vezes só adquirem à própria custa. Dizemo-lo ainda: sim, sem experiência a mediunidade tem inconvenientes, dos quais o menor seria ser mistificado pelos Espíritos enganadores e levianos. Fazer Espiritismo experimental sem estudo é querer fazer manipulações químicas sem saber Química.

Os numerosos exemplos de pessoas obsidiadas e subjugadas da mais desagradável maneira, sem jamais terem ouvido falar de Espiritismo, provam exuberantemente que o exercício da mediunidade não tem o privilégio de atrair os Espíritos maus. Mais ainda: prova a experiência que é um meio de os afastar, permitindo reconhecê-los. Todavia, como muitas vezes alguns vagueiam em redor de nós, pode acontecer que, encontrando oportunidade para se manifestarem, aproveitam-na, caso encontrem no médium uma predisposição física ou moral, que o torne acessível à sua influência. Ora, tal predisposição se prende ao indivíduo e a causas pessoais anteriores, e não à mediunidade. Pode dizer-se que o exercício da faculdade é uma ocasião e não uma causa. Mas se alguns indivíduos estiverem neste caso, outros há que oferecem uma resistência insuperável aos Espíritos maus, e a eles estes últimos não se dirigem. Falamos de Espíritos realmente maus e perniciosos, na verdade os únicos perigosos, e não de Espíritos levianos e zombeteiros, que se insinuem por toda parte.

A presunção de julgar-se invulnerável contra os Espíritos maus muitas vezes tem sido punida de maneira cruel, porque jamais são impunemente desafiados pelo orgulho. O orgulho é a porta que lhes dá mais fácil acesso, pois ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso, quando tomado pelo seu lado fraco. Antes de nos dirigirmos aos Espíritos, convém, pois, proteger-nos contra o ataque dos maus, como se marchássemos em terreno onde tememos picadas de serpentes.

Isto se consegue, de início, pelo estudo prévio, que indica a rota e as precauções a tomar; depois, pela prece. Mas é necessário bem nos compenetrarmos da verdade de que o *único* preservativo está em nós, em nossa própria força, e *nunca* nas coisas exteriores, e que não há talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que possam ter a menor eficácia se não tivermos em nós mesmos as qualidades necessárias. São essas qualidades, portanto, que nos devemos esforçar por adquirir.

Se estivéssemos bem persuadidos do objetivo essencial e sério do Espiritismo; se nos preparássemos sempre para o exercício da mediunidade por um fervoroso apelo ao nosso anjo-da-guarda e aos Espíritos protetores; se nos estudássemos, esforçando-nos por nos purificarmos de nossas imperfeições, os casos de obsessão mediúmica seriam ainda mais raros. Infelizmente, muitos vêem apenas o fato das manifestações. Não contentes com as provas morais que sobejam em seu redor, querem a todo custo permitir-se a satisfação de se comunicarem eles mesmos com os Espíritos, forçando o desenvolvimento de uma faculdade que muitas vezes não existe, guiados mais pela curiosidade do que pelo desejo sincero de se melhorarem. Disso resulta que, em vez de se envolverem numa atmosfera fluídica salutar; de se cobrirem com as asas protetoras de seus anjos-da-guarda; de buscarem o domínio de suas fraquezas morais, abrem a porta de par em par aos Espíritos obsessores, que provavelmente os teriam atormentado de outra maneira e em outra ocasião, mas que aproveitam o ensejo que se lhes oferece. Que dizer, então, daqueles que fazem das manifestações um jogo, nelas não vendo senão um motivo para distração ou curiosidade, procurando meios de satisfazer a ambição, a cupidez ou os interesses materiais? É neste sentido que se pode dizer que o exercício da mediunidade pode provocar a invasão dos Espíritos maus; sim, é perigoso brincar com estas coisas. Quantas pessoas lêem *O Livro dos Médiuns* unicamente para saber como agir, uma vez que a receita ou a maneira de proceder é a coisa que mais lhes interessa. O lado moral da questão é acessório.

Assim, não se deve imputar ao Espiritismo o que resulta da imprudência das criaturas.

Voltemos aos possessos de Morzine. Aquilo que um Espírito pode fazer a um indivíduo, vários Espíritos o podem sobre diversos, simultaneamente, e dar à obsessão um caráter epidêmico. Uma nuvem de Espíritos maus pode invadir uma localidade e aí se manifestar de várias maneiras. Foi uma epidemia de tal gênero que transtornou a Judéia, ao tempo do Cristo e, em nossa opinião, é de uma epidemia semelhante que padece Morzine.

É o que procuraremos estabelecer num próximo artigo, no qual destacaremos os caracteres essencialmente obsessivos dessa afecção. Analisaremos os relatórios dos médicos que a observaram, entre outros o do Dr. Constant, bem como os meios curativos empregados, quer pela Medicina, quer através de exorcismos.

Os Servos

HISTÓRIA DE UM CRIADO

O caso relatado no número precedente, sob o título de *A cabana e o salão* (dezembro de 1862) lembra-nos um outro, um tanto pessoal. Numa viagem que fizemos há dois anos, vimos, numa família da alta sociedade, um criado muito jovem, cujo rosto, fino e inteligente, nos impressionou pelo seu ar de distinção. Nada em suas maneiras denotava inferioridade; sua dedicação ao serviço dos patrões não tinha essa obsequiosidade servil, própria das pessoas de tal condição. Voltando àquela família no ano seguinte, e não mais vendo o rapaz, perguntamos se o haviam despedido. “Não”, responderam-me; “foi passar alguns dias em sua terra e lá morreu. Lamentamos muito, pois era um excelente sujeito e tinha sentimentos *realmente acima de sua posição*. Era muito ligado a nós, tendo nos dado provas do maior devotamento.”

Mais tarde veio-nos a idéia de evocar o rapaz. Eis o que ele nos disse:

“Em minha última encarnação eu era, como se diz na Terra, de boa família, embora arruinada pela prodigalidade de meu pai. Fiquei órfão e sem recursos ainda muito jovem. O Sr. G... foi o meu benfeitor; educou-me como filho e deu-me uma boa instrução, que muito me envaideceu. Na última existência quis expiar meu orgulho, nascendo em condição servil e aqui encontrei ocasião de provar dedicação ao meu benfeitor. Até lhe salvei a vida, sem que ele jamais desconfiasse. Era ao mesmo tempo uma prova, da qual tirei partido, pois tive bastante força para não me deixar corromper pelo contato com um meio quase sempre vicioso. Apesar dos maus exemplos, fiquei puro, pelo que dou graças a Deus por ter sido recompensado pela felicidade que desfruto.”

P. – Em que circunstâncias salvastes a vida do Sr. G...?

Resp. – Num passeio a cavalo, em que eu o seguia só, percebi uma grande árvore que caía ao seu lado, sem que ele a visse. Adverti-o com um grito terrível; ele recuou bruscamente, enquanto a árvore tombava aos seus pés. Sem o movimento que provoqueei, ele teria sido esmagado.

Observação – O fato foi relatado ao Sr. G..., que dele se lembrou perfeitamente.

P. – Por que morrestes tão jovem?

Resp. – Deus tinha julgado minha prova suficiente.

P. – Como pudestes aproveitar a prova, se não guardáveis lembrança de vossa precedente existência e da causa que a motivara?

Resp. – Em minha humilde posição, restava-me um instinto de orgulho, que tive a felicidade de dominar. Isto tornou a prova muito proveitosa, sem o que teria de recomeçá-la. Em seus momentos de liberdade, o meu Espírito se lembrava e, ao

despertar, ficava um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências, que eu sentia serem más. Assim, tive mais mérito em lutar do que se me recordasse claramente do passado. A lembrança perturbadora de minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho, enquanto tive apenas de combater os arrastamentos da nova posição.

P. – Recebestes uma educação brilhante. Para que vos serviu na última existência, uma vez que não vos recordáveis dos conhecimentos adquiridos?

Resp. – Esses conhecimentos teriam sido inúteis, mesmo um contra-senso em minha nova situação. Ficaram latentes e hoje os recupero. Contudo, não me foram inúteis, pois me desenvolveram a inteligência; instintivamente eu tinha gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava repulsa pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha sob os olhos. Sem tal educação eu não teria passado de um simples criado.

P. – Os exemplos de domésticos que se dedicam aos patrões até a abnegação têm por causa relações anteriores?

Resp. – Não o duvideis; é, pelo menos, o caso mais comum. Por vezes tais criados são membros da família ou, como eu, seres agradecidos que pagam uma dívida de reconhecimento e cuja dedicação lhes auxilia o progresso. Não sabeis de todos os efeitos das simpatias e antipatias que essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe tais relações, que muitas vezes se perpetuam de um século a outro.

P. – Por que tais exemplos de dedicação dos domésticos são hoje tão raros?

Resp. – Deve-se incriminar o espírito de egoísmo e de orgulho do vosso século, desenvolvido pela incredulidade e pelas idéias materialistas. A verdadeira fé desaparece pela cupidez e pelo desejo de ganho e, com ela, a dedicação. Reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, o Espiritismo fará renascer as virtudes esquecidas.

Observação – Nada melhor que este exemplo para ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. G... se tivesse lembrado de quem tinha sido seu jovem criado, ficaria muito constrangido e nem mesmo o teria conservado naquela condição, entravando, assim, a prova, que a ambos foi proveitosa.

Boïeldieu na Milésima Representação da *Dama Branca*

As estrofes seguintes, do Sr. Méry, foram recitadas na milésima representação da *Dama Branca*, no teatro da Ópera Cômica, em 16 de dezembro de 1862:

A BOÏELDIEU!

Glória à peça onde canta inteira a melodia
Da obra de Boïeldieu com aplausos de alegria,
E, como no passado, ainda jovem, sem danos!
Sala cheia, a rever Paris, sempre louçã,
A Dama d’Avenel, a nobre castelã!
Dez vezes centenária, após trinta e seis anos!

É que lhe deu o autor tudo quanto um poeta
Pode dar de melhor ao que a lira interpreta,
Prodigaliza o mestre, em sucessivo ardor,
Encantos que jamais soube alguém traduzir:
O tom que faz sonhar, o tom que faz sorrir,
Do Espírito a alegria em êxtase de amor!

Sonoridade tal vem da graça suprema
Que se evola da voz, e da orquestra, e do poema,
Não conseguiu vencê-la a arte da noite então;
Porque de Boïeldieu é a mais bela vitória,
Torna o público artista e à platéia em glória
Expressa-lhe o universo a voz do coração!

Com que felicidade o mestre augusto lida
 Em inspirados tons pela musa querida!
 Qual rio de ouro cai do alaúde sereno!
 Como raios que vêm de uma bruma escocesa!
 Para tal obra, pois, a música francesa
 Nada tem a temer dos Alpes ou do Reno!

Cabe-nos festejar milésimo tão nobre,
 Que tão alto se eleva e de aplausos se cobre;
 E... conhecemos nós os segredos do além?...
 Quem sabe? aqui talvez sob este céu desfrute
 Uma sombra, esta noite, e alegre nos escute,
 Como um ouvinte a mais e não vemos ninguém!

Todos os espíritas devem ter notado esta última estrofe, que não poderia corresponder melhor ao seu pensamento, nem melhor exprimir a presença, em nosso meio, do Espírito dos que deixaram seus despojos carnis. Para os materialistas, é um simples jogo de imaginação do poeta, porque, em sua opinião, do homem de gênio, cuja memória se celebrava, nada restava e as palavras que lhe eram dirigidas se perdiam no vazio, sem encontrar eco. As lembranças e os pesares que deixou, para eles nada valem; ainda mais: sua vasta inteligência é mero acaso da Natureza e de sua organização. Onde, então, o seu mérito? Não o teria por haver composto suas obras-primas do que os órgãos da Barbária que os executam. Tal pensamento não tem algo de glacial, diríamos até, de profundamente imoral? E não é triste ver homens de talento e de ciência preconizá-los em seus escritos e, do alto de suas cátedras, os ensinar à juventude das escolas, buscando provar-lhes que só o nada nos espera e, conseqüentemente, que aquele que pôde ou soube subtrair-se à justiça humana, nada mais tem a reear? Esta idéia – nunca seria demais repetir – é eminentemente subversiva da ordem social e, cedo ou tarde, os povos sofrem as terríveis conseqüências de sua predominância pelo desencadeamento das paixões. Porque seria o mesmo que lhes dizer: Podeis fazer impunemente tudo o que quiserdes, contanto que sejais mais fortes. Entretanto, esta idéia – é preciso convir em louvor à Humanidade

– encontra um sentimento de repulsa nas massas. Perguntamos que efeito teria produzido o poeta sobre o público se, em vez daquela imagem tão verdadeira, tão comovente e tão consoladora da presença do Espírito Boïeldieu em meio ao numeroso auditório, feliz com a aprovação à sua obra, tivesse dito: Do homem que lamentamos não resta senão o que foi para o túmulo e que se destrói dia a dia; mais alguns anos e nem mesmo o seu pó restará; mas do seu ser pensante nada resta; entrou no nada de onde saiu; não mais nos vê nem nos escuta. E vós, seu filho aqui presente, que venerais a sua memória, vossos pesares não mais o atingem; em vão o chamais em vossas preces fervorosas: não poderá vir, porque não existe mais; a tumba fechou-se para sempre sobre ele. É em vão que esperais revê-lo ao deixar a Terra, porque também entrareis no nada, como ele; em vão lhe pedireis apoio e conselhos: ele vos deixou só e bem só. Credes que ele continua a ocupar-se de vós, que está ao vosso lado, que está aqui, entre nós? Ilusão de um espírito fraco. Sois médium – dizeis – e acreditais que ele pode manifestar-se por vós! Superstição oriunda da Idade Média; efeito de vossa imaginação, que se reflete em vossos escritos.

Perguntamos: O que teria dito o auditório de semelhante quadro? É, entretanto, o ideal da incredulidade.

Certamente alguns assistentes, ao ouvirem esses versos, terão pensado: “Linda idéia! Tem fundamento!” Mas outros, em maior número, terão pensado: “Pensamento suave e consolador, que aquece o coração!” Contudo, terão acrescentado: “Se a alma de Boïeldieu está presente, como é ela? Sob que forma? É uma chama, uma centelha, um vapor, um sopro? Como vê e escuta?” É precisamente a incerteza quanto ao estado da alma que faz nascer a dúvida. Ora, o Espiritismo vem dissipar tal incerteza, dizendo: Ao morrer, Boïeldieu deixou apenas seu invólucro pesado e grosseiro; mas sua alma conservou o envoltório fluídico indestrutível; doravante, livre do entrave que o retinha ao solo, pode elevar-se e transpor o espaço. Está aqui sob sua forma humana, posto que eterizada e, se o véu que o oculta à nossa vista pudesse ser

levantado, veríamos Boïeldieu, indo e vindo, ou pairando sobre a multidão; associados ao seu triunfo, estariam com ele milhares de Espíritos de corpos etéreos.

Ora, se o Espírito Boïeldieu lá está, é que se interessa pelo que lá se passa, é que se associa ao pensamento dos assistentes. Por que, então, não daria a conhecer seu próprio pensamento, se tem esse poder? É tal poder que o Espiritismo constata e explica. Seu envoltório fluídico, por mais invisível e etéreo que seja, não deixa de ser uma espécie de matéria; em vida, servia de intermediário entre a alma e o corpo; por ele transmitia sua vontade, à qual o corpo obedecia e pelo qual a alma recebia as sensações experimentadas pelo corpo; numa palavra, é o traço de união entre o Espírito e a matéria propriamente dita. Hoje, desembaraçado do seu invólucro corpóreo, associando-se por simpatia a outro Espírito encarnado, pode, de certo modo, servir-se do corpo deste para exprimir seu pensamento pela palavra ou pela escrita; dito de outro modo, por via mediúnica, isto é, por um intermediário.

Assim, da sobrevivência da alma à idéia de que ela pode estar em nosso meio não há senão um passo; dessa idéia à possibilidade de se comunicar a distância não é grande. Tudo está em nos darmos conta da maneira pela qual se opera o fenômeno. Vê-se, pois, que a Doutrina Espírita, dando como verdade as relações entre os mundos visível e invisível, não avança uma coisa tão excêntrica quanto alguns o dizem, e a solidariedade que ela prova existir entre esses dois mundos é a porta que abre os horizontes do futuro.

Depois de lidas as estrofes do Sr. Méry na Sociedade Espírita de Paris, em sessão de 19 de dezembro de 1862, a Sra. Costel recebeu do Espírito Boïeldieu a seguinte comunicação:

“Sinto-me feliz em poder manifestar meu reconhecimento aos que, celebrando o velho músico, não

esqueceram o homem. Um poeta – os poetas são divinos – sentiu o sopro da minha alma ainda tomada de harmonia. A música ressoava em seus versos de notável inspiração, nos quais vibrava também uma nota comovida, que fazia planar acima dos vivos a sombra feliz daquele que festejavam.

“Sim, eu assistia àquela festa comemorativa do meu talento humano e ouvia, acima dos instrumentos, uma voz, mais melodiosa que a melodia terrena, que cantava a morte despojada de seu antigo terror, aparecendo não mais como uma sombria divindade do Erebo, mas como a estrela brilhante da esperança e da ressurreição.

“A voz também cantava a união dos Espíritos com seus irmãos encarnados. Doce mistério! Fecunda associação que completa o homem e lhe restitui as almas, que em vão chamava do silêncio do túmulo.

“Precursor dos tempos, o poeta é abençoado por Deus. Cotovia matinal, ele celebra a aurora das idéias muito antes que elas surjam no horizonte. Mas eis que a revelação sagrada se espalha como uma bênção sobre todos e, como o poeta amado, sentis todos em redor de vós a presença daqueles que vossa lembrança evoca.”

Boïeldieu

Carta sobre o Espiritismo

(EXTRAÍDA DO *RENARD*, JORNAL HEBDOMADÁRIO DE BORDEAUX, DE 1º DE NOVEMBRO DE 1862.)

Ao Sr. *Redator Chefe do Renard*

Senhor Redator,

Se o assunto aqui abordado não vos parece muito batido, nem tratado exaustivamente, peço-vos a inserção desta carta no próximo número de vosso estimado jornal:

“*Algumas palavras sobre o Espiritismo*: É uma questão tão controversa e que hoje preocupa tantos espíritos que, tudo quanto possa escrever a respeito um homem leal e seriamente convicto, a ninguém parecerá ocioso ou ridículo.

“Não quero impor minhas convicções a ninguém; nem tenho idade, nem experiência, nem inteligência necessárias para ser um Mentor. Quero apenas dizer a todos os que, não conhecendo essa teoria senão de nome, estão dispostos a acolher o Espiritismo pela chacota ou por um desdém sistemático. Fazei como eu: tentai primeiro instruir-vos; depois tereis o direito de desdenhar e zombar.

“Há um mês, senhor redator, eu tinha somente uma vaga idéia do Espiritismo. Apenas sabia que esta descoberta ou esta utopia, para a qual foi inventada uma palavra nova, repousava sobre fatos, verdadeiros ou falsos, de tal modo sobrenaturais que eram, de antemão, rejeitados por todos os homens que não acreditam em nada que os impressiona, que nunca seguem um progresso senão a reboque de todo o seu século e que, novos São Tomés, só se deixam convencer quando tocam. Confesso que, como eles, eu estava disposto a rir dessa teoria e de seus adeptos. Mas antes de rir, quis saber do que ria e fui apresentado a uma sociedade de espíritas, em casa do Sr. E. B. Diga-se de passagem que ele me pareceu um espírito reto, sério e esclarecido, cheio de uma convicção bastante forte para deter o riso nos lábios de um gracejador de mau gosto. Porque, digam o que disserem, uma convicção sólida sempre se impõe.

“Ao fim da primeira sessão eu já não ria, mas ainda duvidava; e o que eu sentia era, sobretudo, um enorme desejo de instruir-me, uma impaciência febril de assistir a novas provas.

“Foi o que fiz ontem, senhor redator, e agora não mais duvido. Sem falar de algumas comunicações pessoais, dadas sobre

coisas ignoradas tanto do médium quanto de todos os membros da sociedade, vi fatos para mim irrecusáveis.

“Sem fazer aqui – e compreendereis por quê – nenhuma reflexão sobre o grau de instrução ou de inteligência do médium, declaro que é impossível a alguém que não seja um Bossuet ou um Pascal, responder imediatamente, de modo tão claro quanto possível, com uma velocidade por assim dizer mecânica, e em estilo conciso, elegante e correto, várias páginas sobre perguntas tais como esta: ‘Como conciliar o livre-arbítrio com a presciência divina?’; isto é, sobre os mais árduos problemas da metafísica.

“Eis o que vi, senhor redator, e muitas coisas mais, que não mencionarei nesta carta, já muito longa. Escrevo isto, repito, a fim de inspirar, se possível, a alguns dos vossos leitores o desejo de instruir-se. Depois, como eu, talvez se convençam.”

Tibulle Lang,

antigo aluno da Escola Politécnica

Algumas Palavras sobre o Espiritismo

(Extraído do *Écho de Sétif*, Argélia, 9 de novembro de 1862)

Já desde algum tempo o mundo se agita, estremece e desafia; sua alma sofre e passa por grandes dificuldades.

Admitamos que o Espiritismo não existe e que tudo quanto se diz a respeito seja produto do erro, da alucinação de alguns espíritos doentios; mas nada significa ver seis milhões de criaturas, acometidas da mesma doença em sete ou oito anos?

Por mim, vejo nisto muitas coisas. Vejo o pressentimento de grandes acontecimentos, porque, em todos os tempos, às vésperas de épocas marcantes, o mundo sempre esteve

inquieta, turbulento mesmo, sem se dar conta de seu mal-estar. O que hoje existe de certo é que, depois de haver atravessado uma época de materialismo assustador, experimenta a necessidade de uma crença espiritualista racional; quer acreditar com conhecimento de causa, se assim me posso exprimir. Eis as causas de sua doença, se admitirmos que haja doença.

Dizer que nada existe no fundo desse movimento é temerário.

Um escritor, que não tenho a honra de conhecer, acaba de publicar, no *Écho de Sétif, de 18 de setembro último*, um artigo que enseja profundas reflexões. Ele próprio confessa não conhecer o Espiritismo. Indaga se é possível, se ele pode existir e suas inquirições o levam a concluir que o Espiritismo não é impossível.

Seja como for, os espíritas têm hoje o direito de se regozijarem, pois os homens de escol querem consagrar uma parte de seus estudos à busca do que uns chamam verdade e outros um erro.

No que me concerne, posso atestar um fato: é que vi coisas em que não se pode acreditar sem as ter visto.

Há uma parte muito esclarecida da sociedade que não nega precisamente o fato, mas pretende que as comunicações obtidas procedem diretamente do inferno. É o que não posso admitir, tendo em vista comunicações como esta: “Crede em Deus, criador e organizador das esferas; amai a Deus, criador e protetor das almas... *Assinado: Galileu.*”

Nem sempre o diabo falou assim, porque, se assim fosse, os homens lhe teriam imputado uma reputação imerecida. E, se é verdade que ele tenha faltado com o respeito a Deus, confessemos que pôs muita água em seu vinho.

Eu também fui incrédulo; jamais podia convencer-me de que Deus permitisse ao nosso Espírito comunicar-se, à nossa revelia, com o Espírito de uma pessoa viva. Entretanto, tive de me render à evidência. Pensei, e um dorminhoco respondeu-me clara e categoricamente; nenhum som, nenhum abalo se produziu em meu cérebro. O Espírito do dorminhoco correspondeu-se com o meu, mau grado meu! Eis o que atesto.

Antes dessa descoberta eu pensava que Deus havia interposto uma barreira intransponível entre o mundo material e o mundo espiritual. Enganei-me: eis tudo. E, parece, quanto mais eu era incrédulo, mais queria Deus tirar-me do engano, pondo sob os meus olhos fatos extraordinários e patentes.

Eu mesmo quis escrever, a fim de não ser mistificado por um terceiro; minha mão jamais fez o mais leve movimento. Pus a pena na mão de um jovem de quatorze anos e ele adormeceu sem que eu o desejasse. Vendo isto, retirei-me para o meu jardim, convicto de que essa pretensa verdade não passava de um sonho. Mas ao voltar a casa, notei que o rapaz havia escrito. Aproximei-me para ler e, para minha grande surpresa, vi que ele tinha respondido a todas as minhas perguntas mentais. Protestando sempre, apesar do fato e querendo confundir o dorminhoco, fiz, mentalmente, uma pergunta sobre História Antiga. Sem hesitar ele a respondeu categoricamente.

Paremos aqui e façamos algumas observações em poucas palavras.

Supondo não tenha havido intervenção de Espíritos do outro mundo, é inegável que o Espírito do dorminhoco e o meu estavam em perfeita correspondência. Em minha opinião, eis um fato que merece estudo. Mas há homens tão sábios, que nada mais têm a estudar, e preferem dizer que sou um louco.

Um louco? Pois seja! Mais tarde, porém, veremos quem está errado.

Se eu tivesse articulado uma só palavra; se tivesse feito o mais leve gesto, não me teria convencido. Mas não me mexi e nem falei; que digo? nem mesmo respirei!

Pois bem! Haverá um sábio que queira conversar comigo sem dizer uma palavra ou sem me escrever? Alguém que queira traduzir meu pensamento sem me conhecer, sem me ter visto? E, admitindo que houvesse tal sábio, eu não o poderia enganar, mesmo lhe falando, sem que ele o suspeitasse? Isto não aconteceria com o médium em questão. Tentei muitas vezes, mas não fui bem sucedido.

Se me permitirdes, darei a seguir algumas comunicações que obtive.

C***

Resposta a uma Pergunta sobre o Espiritismo, do Ponto de Vista Religioso

A pergunta que se segue nos foi enviada por uma pessoa de Bordeaux, a quem não temos a honra de conhecer, e sua resposta será dada pela *Revista*, tendo em vista a instrução de todos.

“Li numa de vossas obras: ‘O Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com vista a dissuadi-los, e aos quais essa fé basta à sua razão e à sua consciência, mas à numerosa categoria dos indecisos, dos incrédulos, etc.’

“E por que não? O Espiritismo, que é a verdade, não deveria dirigir-se a todos? a todos os que estão em erro? Ora, os

que crêem numa religião qualquer, protestante, judaica, católica ou outra qualquer, não estão em erro? Indubitavelmente, porque as diversas religiões hoje professadas dão como verdades incontestáveis e nos obrigam a crer em coisas completamente falsas ou, pelo menos, em coisas que podem até vir de fontes verdadeiras, mas falseadas em sua interpretação. Se está provado que as penas são apenas temporárias – e Deus sabe se é um leve erro confundir o temporário com o eterno – que o fogo do inferno é uma ficção e que, se em vez de uma criação em seis dias, trata-se de milhões de séculos, etc.; se tudo isto está provado, digo eu, partindo do princípio de que a verdade é *uma*, as crenças oriundas de uma interpretação tão falsa desses dogmas não são nem mais nem menos do que falsas, pois uma coisa é ou não é; não há meio-termo.

“Por que, então, o Espiritismo não se dirige também a todos os que acreditam em absurdos, para os dissuadir, como aos que em nada crêem ou que duvidam, etc?”

Aproveitamos a oportunidade da carta, da qual extraímos as passagens acima, para lembrar, uma vez mais, o objetivo essencial do Espiritismo, sobre o qual o autor da carta não parece bastante edificado.

Pelas provas patentes que dá da existência da alma e da vida futura, base de todas as religiões, o Espiritismo é a negação do materialismo e, por conseguinte, se dirige aos que negam ou duvidam. É bem evidente que os que não crêem em Deus e na alma não são católicos, nem judeus, nem protestantes, seja qual for a religião em que tiverem nascido; não seriam, sequer, maometanos ou budistas. Ora, pela evidência dos fatos, são levados a crer na vida futura, com todas as suas conseqüências morais; são livres para adotar, mais tarde, o culto que melhor lhes convenha à razão ou à consciência. Mas aí se detém o papel do Espiritismo; ele é o

responsável por três quartos do caminho; ajuda a transpor o passo mais difícil – o da incredulidade. Compete aos outros fazer o resto.

“Mas” – poderá dizer o autor da carta – “e se nenhum culto me convier?” Muito bem! ficai então como estais. Aí o Espiritismo nada pode. Ele não se encarrega de vos fazer abraçar um culto à força, nem de discutir para vós o valor intrínseco dos dogmas de cada um: deixa isto à vossa consciência. Se o que o Espiritismo dá não vos basta, buscai, entre todas as filosofias existentes, uma doutrina que melhor satisfaça às vossas aspirações.

Os incrédulos e os indecisos formam uma categoria muito numerosa. Quando o Espiritismo diz que não se dirige aos que têm uma fé qualquer, e aos quais esta é bastante, quer significar que não se impõe a ninguém e não violenta consciência alguma. Dirigindo-se aos incrédulos, chega a convencê-los por meios próprios, pelos raciocínios que sabe terem acesso à sua razão, porquanto os outros foram impotentes. Numa palavra, tem o seu método, com o qual obtém, diariamente, belíssimos resultados; mas não tem uma doutrina secreta. Não diz a uns: abri os ouvidos, e a outros: fechai-os. A todos fala pelos seus escritos e cada um é livre de adotar ou rejeitar sua maneira de encarar as coisas. Desse modo, faz crentes fervorosos dos que eram incrédulos. É tudo o que ele quer. Àquele que dissesse: “Tenho minha fé e não quero mudá-la; creio na eternidade absoluta das penas, nas chamas do inferno e nos demônios; continuo até crendo que é o Sol que gira, porque a Bíblia o diz, e creio ser este o preço de minha salvação”, responde o Espiritismo: “Conservai as vossas crenças, já que elas vos convêm; ninguém procura vos impor outra; eu não me dirijo a vós, pois nada quereis de mim.” E nisto ele é fiel ao seu princípio de respeitar a liberdade de consciência. Se alguns se julgam em erro, são livres para buscar a luz, que brilha para todos; os que se julgam certos têm liberdade de desviar o olhar.

Mais uma vez, o Espiritismo tem um objetivo, do qual não quer nem se deve afastar; sabe o caminho que a ele deve conduzir e o seguirá, sem se desviar pelas sugestões dos impacientes. Cada coisa vem a seu tempo; querer ir muito depressa é, muitas vezes, recuar ao invés de avançar.

Ainda duas palavras ao autor da carta. Parece-nos que ele fez uma falsa aplicação do princípio de que a verdade é *una*, concluindo daí que certos dogmas, como o das penas futuras e da Criação, receberam uma interpretação errada, devendo, pois, tudo ser falso na religião. Não vemos todos os dias as próprias ciências positivas reconhecerem certos erros de detalhes, sem que, por isso, a Ciência esteja radicalmente errada? A Igreja não se alinhou com a Ciência a propósito de certas crenças de que outrora fazia artigos de fé? Não reconhece hoje a lei do movimento da Terra e dos períodos geológicos da Criação, que havia condenado como heresias? Quanto às chamas do inferno, toda a alta teologia reconhece que é uma imagem e que por ela se deve entender um fogo moral e não material. Sobre vários outros pontos as doutrinas são também menos absolutas do que antigamente, donde se pode concluir que um dia, cedendo à evidência dos fatos e das provas materiais, ela compreenderá a necessidade de uma interpretação em harmonia com as leis da Natureza, sobre alguns pontos ainda controvertidos; porque nenhuma crença poderia racionalmente prevalecer contra essas leis. Deus não pode contradizer-se estabelecendo dogmas contrários às suas leis eternas e imutáveis, e o homem não pode pretender colocar-se acima de Deus, decretando a nulidade dessas leis. Ora, a Igreja, que compreende esta verdade para certas coisas, compreendê-la-á também para as outras, notadamente no que concerne ao Espiritismo, em todos os pontos fundado sobre as leis da Natureza, ainda mal compreendidas, mas que se compreende cada vez melhor à medida que os dias passam.

Não se deve ter pressa em rejeitar tudo, apenas porque certas partes são obscuras ou defeituosas; a esse propósito, cremos útil lembrar a fábula: *A Macaca, o Macaco e a Noz*.

Identidade de um Espírito Encarnado

Nosso colega, o Sr. Delanne, transmitiu-nos o relato seguinte, a propósito da evocação de sua esposa, que estava viva e ficara em Paris, durante viagem que ele fez:

...Em 11 de dezembro último, estando em Lille, evoquei o Espírito de minha esposa às onze e meia da noite. Ela me disse que uma de suas parentas casualmente havia dormido com ela. Esse fato me deixou em dúvida e não acreditei na sua possibilidade; entretanto, dois dias depois recebi uma carta de minha mulher confirmando a realidade. Remeto a minha entrevista que, posto nada contenha de particular, oferece uma prova de identidade.

1. Estais aí, querida amiga?

Resp. – Sim, meu grande (Era o seu termo favorito).

2. Vês os objetos que me cercam?

Resp. – Vejo-os bem. Sinto-me feliz por estar perto de ti. Espero que estejas bem agasalhado. (Eram 11 e meia; eu chegava de Arras; não havia aquecimento no quarto; estava vestido com meu casaco de viagem e nem mesmo tinha tirado o cachecol).

3. Estás contente por ter vindo sem o corpo?

Resp. – Sim, meu amigo. Agradeço-te por isto. Tenho o corpo fluídico, o perispírito.

4. És tu que me fazes escrever? Onde te encontras?

Resp. – Perto de ti; certamente tua mão tem dificuldade em mover-se.

5. Estás bem adormecida?

Resp. – Não, ainda não muito bem.

6. Teu corpo te retém?

Resp. – Sim, sinto que me retém. Meu corpo está um pouco adoentado, mas o Espírito não sofre.

7. Durante o dia tiveste a intuição de que eu te evocaria esta noite?

Resp. – Não; todavia não posso definir o que me dizia que eu te veria. (Neste instante tive um acesso de tosse). Tu tosses sempre, amigo; cuida-te um pouco.

8. Podes ver meu perispírito?

Resp. – Não; só posso distinguir o teu corpo material.

9. Tu te sentes mais livre e melhor do que com o corpo?

Resp. – Sim, porque não sofro mais. (Numa carta posterior fiquei sabendo que ela estava indisposta).

10. Vês Espíritos ao meu redor?

Resp. – Não; e, contudo, gostaria de os ver.

11. Tens medo de ficar só em casa?

Resp. – *Adélia está comigo.* (Esta criatura, uma de nossas parentas, jamais dorme em nossa casa; só a vemos raramente).

12. Como é que Adélia está contigo? Dormiu contigo?

Resp. – Sim, por acaso.

13. És tu mesma quem falas, esposa querida?

Resp. – Sim, amigo; sou eu mesma.

14. Vês bem claro aqui?

Resp. – Sim; tudo irradia melhor que tua fraca luz. (Eu só dispunha de uma vela, num grande quarto).

15. Tu te comunicas por intuição ou mecanicamente?

Resp. – Atuo mais particularmente sobre o teu cérebro, que está apto a receber mais facilmente; apesar disso, dirijo, ao mesmo tempo, tua mão.

16. Como podes ver que meu cérebro é apto a receber as comunicações espíritas?

Resp. – É pelo desenvolvimento que teus órgãos adquiriram há pouco tempo, o que prova que foi preciso... (Neste instante soa meia-noite e o Espírito pára).

17. Ouves o som do pêndulo?

Resp. – Sim. Fiquei impressionada com esse som anormal; é semelhante à música celeste, que ouvi no sonho que te contei. (Com efeito, pouco tempo antes de minha partida, ela havia tido um sonho maravilhoso, no qual ouvira uma harmonia singular. Sem dúvida naquele momento eu não pensava no sonho, que havia esquecido completamente; portanto, não podia ser reflexo de meu pensamento, uma vez que dele ninguém mais tinha conhecimento. Estando só naquela ocasião, vi nessa revelação espontânea uma nova prova da identidade do Espírito de minha mulher. O Espírito termina a frase começada acima).

...muita força em tão pouco tempo.

18. Queres que eu evoque meu anjo-da-guarda para controlar tua identidade? Isto te incomodaria?

Resp. – Podes fazê-lo.

19. [Ao meu anjo-da-guarda] – É mesmo o Espírito de minha mulher que acaba de me falar?

Resp. – É tua esposa que te fala e está satisfeita por te ver.

20. [À minha esposa] – Viste meu anjo-da-guarda?

Resp. – Sim; é resplandecente de luz. Apenas apareceu e desapareceu.

21. Ele te viu?

Resp. – Sim, olhou-me com olhos de celeste clemência; e eu, confusa, prosternei-me.

Adeus, meu grande, sou forçada a deixar-te.

Observação – Se esse controle se tivesse limitado à resposta do anjo-da-guarda, teria sido insuficiente, pois implicaria, por sua vez, em controlar a identidade do anjo-da-guarda, levando-se em conta que um Espírito enganador poderia ter usurpado o nome. Nada há nessa simples afirmação que revele sua qualidade. Em casos semelhantes é sempre preferível fazer o controle por um médium estranho que não estivesse sob a mesma influência; evocar ele próprio um Espírito para controlar outro nem sempre oferece garantia suficiente, sobretudo se se pede permissão ao suspeito. No caso em questão, encontramos a prova na descrição que o Espírito faz do anjo-da-guarda; um Espírito enganador não poderia ter tomado aquele aspecto celeste. Aliás, reconhece-se em todas as suas respostas um cunho de verdade que a fraude seria incapaz de simular.

(Sessão da noite seguinte)

22. Estás aí?

Resp. – Sim. Vou dizer o que te preocupa: Adélia. Pois bem! Ela realmente dormiu comigo, eu te juro.

23. Teu corpo está melhor?

Resp. – Sim. Não era nada.

24. Hoje vês Espíritos perto de ti?

Resp. – Ainda nada vejo, mas pressinto alguém, pois estou muito inquieta por estar só.

25. Ora, boa amiga, e talvez melhores.

Resp. – Sim; é o que vou fazer. Dize comigo: “Meu Deus, grande e justo, abençoi-nos, absolvei-nos de nossas

iniquidades; fazei graças aos filhos que vos amam; dignai-vos inspirar-lhes as vossas virtudes e concedei-lhes a graça insigne de um dia serem contados entre os eleitos. Que a dor terrestre nada lhes pareça em comparação com a felicidade que reservais aos que vos amam sinceramente. Absolvei-nos, Senhor, e continuai a nos prodigalizar os vossos benefícios pela intercessão divina da mais pura e angélica Santa Maria, mãe dos pecadores e a misericórdia encarnada.”

Observação – Improvisada pelo Espírito, esta prece é de tocante simplicidade. O Sr. Delanne não conhecia o fato relativo a *Adélia* senão pelo que havia dito o Espírito de sua esposa, e era tal fato que inspirava dúvidas. Tendo-lhe escrito a respeito, recebeu a seguinte resposta:

...De fato Adélia veio ontem à tarde, por acaso. Convidei-a a ficar, não por medo, de que me rio, mas para tê-la comigo. Bem vês que ela ficou e dormiu comigo. Fiquei um tanto perturbada estas duas noites; sentia um certo mal-estar, do qual não me dava conta perfeitamente; era como se força invencível me forcesse a dormir; estava como que aniquilada. Mas estou tão feliz por ter ido a ti!...”

Barbárie na Civilização

O HORRÍVEL SUPLÍCIO DE UM NEGRO

Uma carta de Nova Iorque, datada de 5 de novembro e dirigida à *Gazette des Tribunaux*, contém os seguintes detalhes de uma horrível tragédia ocorrida em Dalton, no condado de Carolina (Maryland):

“Recentemente um jovem negro havia sido preso sob a acusação de atentado ao pudor na pessoa de uma mocinha branca. Graves suspeitas pesavam sobre ele. A jovem, objeto de suas

violências criminosas, declarava reconhecê-lo perfeitamente. O acusado tinha sido encarcerado na prisão de Dalton. Ali estava apenas há algumas horas, quando uma grande multidão, aos gritos de cólera e de vingança, pedia lhe fosse entregue o desventurado negro.

“Os representantes da ordem e da autoridade, vendo que seria impossível defender, à viva força, o seu prisioneiro contra a multidão irritada, em vão tentaram acalmá-la com os mais insistentes discursos. Suas palavras em favor da lei e da justiça regular foram recebidas com assobios.

“A populaça, cujo número crescia sem cessar, começou a atirar pedras na cadeia. Alguns tiros de revólver foram disparados contra os agentes da autoridade, sem, contudo, nenhuma bala os atingir. Compreendendo que a resistência era impossível, abriram as portas da prisão. Após um imenso hurra! em sinal de satisfação, a multidão precipitou-se com furor. Apoderou-se do prisioneiro e o arrastou, em meio aos gritos de cólera dos assistentes e de súplicas da vítima, para a praça principal do vilarejo.

“Improvizou-se um júri imediatamente. Depois de ter examinado, pró-forma, os fatos do processo, o acusado foi declarado culpado e condenado à força imediatamente. Amarraram uma corda numa árvore e procederam à execução. Enquanto o corpo se debatia nas convulsões da agonia, o negro era alvo dos insultos e das violências dos espectadores. Vários tiros de pistola foram disparados contra ele, contribuindo para lhe aumentar as torturas da morte.

“Sedenta de cólera e vingança, a multidão não esperou que o corpo estivesse completamente imóvel para tirá-lo da corda. Passeou seu troféu ignóbil pelas ruas de Dalton. Homens e mulheres, e até crianças, aplaudiam os ultrajes feitos ao cadáver do jovem negro.

“Mas o furor do povo não devia parar aí. Depois de ter percorrido o vilarejo em todos os sentidos, foi para a frente de uma igreja de negros. Fizeram uma imensa fogueira; o cadáver foi mutilado e, em meio a ruidosas manifestações, os membros e os pedaços de carne foram atirados às chamas.”

Este relato deu origem à seguinte pergunta, feita na Sociedade Espírita de Paris, a 28 de novembro de 1862:

“Compreende-se que exemplos de ferocidade isolados e individuais ocorram entre pessoas civilizadas. O Espiritismo os explica, dizendo provirem de Espíritos inferiores, de certo modo extraviados numa sociedade mais avançada; contudo, em toda a sua vida, esses indivíduos revelaram a baixaza de seus instintos. O que se compreende mais dificilmente é que uma população inteira, que deu provas da superioridade de sua inteligência e, mesmo, em outras circunstâncias, de sentimentos humanitários, que professa uma religião de brandura e paz, possa ser tomada por tal vertigem sanguinária e, com uma raiva selvagem, se repaste nas torturas de uma vítima. Aqui há um problema moral sobre o qual pediremos aos Espíritos a gentileza de nos instruírem.”

(Sociedade Espírita de Paris, 28 de novembro de 1862

– Médiun: Sr. A. de B...)

O sangue derramado naquelas regiões, famosas até hoje por suas tendências para o progresso humano, é uma chuva de maldição, e a cólera do Deus justo não tardará muito a passar por ali, onde, com tanta freqüência, se realizam abominações semelhantes a esta, cuja leitura acabais de ouvir. Em vão tenta-se a si mesmo dissimular as conseqüências que forçosamente elas desencadearão; em vão quer-se atenuar o alcance do crime. Se este é por si mesmo horroroso, não o é menos pela intenção, que o faz cometer com tão horríveis refinamentos e com encarniçamento tão bestial. O interesse! o interesse humano! os prazeres sensuais, as

satisfações do orgulho e da vaidade ainda foram o seu móvel, como em todas as outras ocasiões, e as mesmas causas originarão efeitos semelhantes, causas, por sua vez, dos efeitos da cólera celeste, de que são ameaçadas tantas iniqüidades. Credes que não haja progresso real além do da indústria, de todos os recursos e de todas as artes que tendem a suavizar os rigores da vida material e aumentar os prazeres de que se querem saciar? Não; não se acha apenas nisto o progresso necessário à elevação dos Espíritos, que só temporariamente são humanos e não devem ligar às coisas humanas senão o interesse secundário que elas merecem. O aperfeiçoamento do coração, as luzes da consciência, a difusão dos sentimentos de solidariedade universal dos seres, o da fraternidade entre os humanos, são as únicas marcas autênticas que distinguem um povo na marcha do progresso geral. Só por estes caracteres se reconhece uma nação como a mais adiantada. Mas aquelas que em seu seio ainda alimentam sentimentos de orgulho exclusivista e não vêem tal porção da Humanidade senão como uma raça servil, feita para obedecer e sofrer, experimentarão, sem sombra de dúvida, o nada de suas pretensões e o peso da vingança do Céu.

Teu pai, V. de B.

Dissertações Espíritas

CHEGADA DO INVERNO

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de dezembro de 1862

– Médium: Sr. Leymarie)

Meus bons amigos, quando o frio chegou e tudo falta em casa dessa brava gente, por que não viria eu, vosso antigo discípulo, vos lembrar nossa palavra de ordem, a palavra *caridade*? Dai, dai tudo quanto pode dar o vosso coração, em palavras, em consolo, em cuidados benevolentes. O amor de Deus está em vós, se souberdes, como espíritas fervorosos, cumprir o mandato que Ele vos delegou.

Nos instantes livres, quando o trabalho vos deixa o repouso, procurai aquele que sofre, moral ou corporalmente; a um dai esta força que consola e fortalece o Espírito, a outro dai aquilo que sustenta e faz calar, seja a apreensão da mãe cujos braços estão desocupados, seja o lamento da criança que pede pão.

As geadas vieram, uma brisa fria levanta a poeira: em breve a neve. É a hora em que deveis marchar e procurar. Quantos pobres envergonhados se ocultam e gemem em segredo, sobretudo o pobre de luto, que tem todas as aspirações e a quem falta o necessário. Para aqueles, meus amigos, agi com prudência; que a vossa mão alivie e cure, mas, também, possa a voz do coração apresentar delicadamente o óbolo que penosamente pode ferir o amor-próprio do homem bem educado. É preciso dar, repito, mas saber dar. Deus, o dispensador de tudo, esconde os seus tesouros, as suas espigas, as suas flores e os seus frutos; contudo, os seus dons, que secreta e laboriosamente germinaram na seiva do tronco e da haste, nos chegam sem que sintamos a mão que os dispersou. Fazei como Deus, imitai-o, e sereis abençoados.

Oh! como é belo e bom ser útil e caridoso, saber erguer-se levantando os outros, esquecer as pequenas necessidades egoístas da vida para praticar a mais nobre atribuição da Humanidade, a que nos torna verdadeiros filhos do Criador!

E que ensinamento para os vossos! Vossos filhos vos imitam; vosso exemplo dá frutos, porque todo ramo bem enxertado é abundância. O futuro espiritual da família depende sempre da forma que derdes a todas as vossas ações.

Eu vo-lo digo, e nunca seria demais repetir, que ganhareis espiritualmente se derdes e consolardes, porque Deus vos dará e vos consolará em seu reino, que não é deste mundo. Neste, a família que honra e bendiz o seu chefe inteligente nesta

parcela de realza que Deus lhe deixou é uma atenuação de todas as dores que acompanham a vida.

Adeus, meus amigos, sede todo amor, todo caridade.

Sanson

LEI DO PROGRESSO

(Lyon, 17 de setembro de 1862 – Médium: Sr. Émile V...)

Nota – Esta comunicação foi recebida na sessão geral presidida pelo Sr. Allan Kardec.

Se considerarmos a Humanidade em seu estado primitivo e em seu estado atual, quando sua primeira aparição na Terra marcava seu ponto de partida, e agora, que percorreu uma parte do caminho que leva à perfeição, parece que todo bem, todo progresso, toda filosofia, enfim, não possa nascer senão do que lhe é contrário.

Com efeito, toda formação é o produto de uma reação, assim como todo efeito é gerado por uma causa. Todos os fenômenos morais, todas as formações inteligentes são devidos a uma perturbação momentânea da própria inteligência. Apenas, na inteligência, devemos considerar dois princípios: um imutável, essencialmente bom, eterno como tudo o que é infinito; outro temporário, momentâneo, que não passa de agente empregado para produzir a reação de onde sai cada vez a progressão dos homens.

O progresso abrange o Universo durante a eternidade e jamais se espalha tanto como quando se concentra num ponto qualquer. Não podeis abarcar, num só golpe de vista, a imensidade que vive, isto é, que progride; mas olhai em redor de vós: o que vedes?

Em certas épocas, e podemos dizer em momentos previstos, designados, surge um homem que abre um caminho

novo, que escarpa os rochedos áridos de que se acha semeado o mundo conhecido da inteligência. Muitas vezes esse homem é o último entre os humildes, entre os pequenos e, contudo, penetra as altas esferas do desconhecido. Arma-se de coragem, pois esta lhe é necessária para lutar corpo-a-corpo contra os preconceitos, contra os usos que lhe foram transmitidos; é-lhe necessária para vencer os obstáculos que a má-fé semeia sob seus passos, porque enquanto restarem preconceitos a derrubar, restarão abusos e interessados nos abusos; é-lhe necessária porque deve lutar, ao mesmo tempo, contra as necessidades materiais de sua personalidade e, neste caso, sua vitória é a melhor prova de sua missão e de sua predestinação.

Chegado a este ponto, em que a luz escapa bastante forte do círculo do qual é o centro, todos os olhares se voltam para ele; ele assimila todo o princípio inteligente e bom; reforma e regenera o princípio contrário, a despeito dos prejuízos, apesar da má-fé e malgrado as necessidades; chega ao seu objetivo, faz a Humanidade transpor um grau e conhecer o que não era conhecido.

Este fato já se repetiu muitas vezes e ainda se repetirá muitas outras, antes que a Terra tenha atingido o grau de perfeição que convém à sua natureza. Mas, tantas vezes quantas forem necessárias, Deus fornecerá a semente e o trabalhador. Esse trabalhador é cada homem em particular, como cada um dos gênios que a ilustram por uma ciência muitas vezes sobre-humana. Em todos os tempos houve esses centros de luz, esses pontos de ligação; o dever de todos é aproximar-se, ajudar e proteger os apóstolos da verdade. É o que o Espiritismo vem dizer ainda.

Apressai-vos, pois, vós todos que sois irmãos pela caridade. Apressai-vos e a felicidade prometida à perfeição vos será concedida muito mais cedo.

Bibliografia

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Estudo onde são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da Astronomia e da Fisiologia; por Camille Flammarion, calculador do Observatório Imperial de Paris, vinculado ao Escritório das Longitudes, etc.²

Embora não se cuide de Espiritismo nesta obra, o assunto é daqueles que entram no quadro de nossas observações e dos princípios da doutrina. Nossos leitores serão gratos por lhes havermos chamado a atenção, por estarmos, antes de tudo, convencido do enorme interesse que terão por essa leitura, duplamente cativante, pela forma e pelo fundo. Nela encontrarão, confirmada pela Ciência, uma das revelações capitais feitas pelos Espíritos. O Sr. Flammarion é um dos membros da Sociedade Espírita de Paris, e seu nome figura como médium nas notáveis dissertações assinadas por Galileu, que publicamos em setembro último, sob o título de *Estudos Uranográficos*. Por esse duplo título sentimo-nos felizes ao lhe fazer uma menção especial, que, com toda a certeza, será ratificada.

O autor se consagrou a recolher todos os elementos da Natureza que apóiam a opinião da pluralidade dos mundos habitados, combatendo, ao mesmo tempo, a opinião contrária. Depois de o haver lido, as pessoas se perguntam como é possível pôr em dúvida esta questão. Acrescentemos que as considerações da mais alta ordem científica não excluem a graça nem a poesia do estilo. Isto pode ser julgado pela passagem seguinte, onde ele fala da intuição que a maioria dos homens, ao contemplarem a abóbada celeste, têm da habitabilidade dos mundos:

“...Mas a admiração que excita em nós a cena mais comovente do espetáculo da Natureza logo se transforma num

2 Brochura grande in-8. Preço: 2 fr; pelo Correio: 2 fr. 10. Livraria Bachelier, livreiro-impressor do Observatório, 55, quai des Grands-Augustins.

sentimento de indescritível certeza, porque somos estranhos àqueles mundos, onde reina uma solidão aparente, e que não podem originar a impressão imediata, pela qual a vida nos liga à Terra. Sentimos a necessidade de povoar esses globos aparentemente esquecidos pela vida e, sobre aquelas plagas eternamente desertas e silenciosas, buscamos olhares que respondam aos nossos, tal como um ousado navegador, que durante muito tempo explorou em sonhos os desertos do oceano, procurando a terra que lhe era revelada, atravessando com seu olhar de águia as mais vastas distâncias e transpondo audaciosamente os limites do mundo conhecido, para, enfim, perder-se nas planícies imensas, onde, desde períodos seculares, se assentava o Novo Mundo. Seu sonho se realizou. Que o nosso se desfaça do mistério que ainda o envolve e, sobre a nave do pensamento, possamos subir aos céus, em busca de outras terras.”

A obra é dividida em três partes. Na primeira, intitulada de *Estudo Histórico*, o autor passa em revista a imensa série de filósofos e cientistas, antigos e modernos, religiosos e profanos, que professaram a doutrina da pluralidade dos mundos, desde Orfeu até Herschel e o sábio Laplace.

“A maioria das seitas gregas”, diz ele, “o ensinaram, quer abertamente a todos os discípulos, sem distinção, quer em segredo, aos iniciados da filosofia. Se as poesias atribuídas a Orfeu são mesmo suas, podemos considerá-lo como o primeiro a ensinar a pluralidade dos mundos. Ela está implícita nos versos órficos, onde é dito que cada estrela é um mundo e, notadamente, nestas palavras conservadas por Proclus: ‘Deus construiu uma terra imensa, que os imortais chamam Selene e que os homens chamam Lua, na qual se eleva grande número de habitações, montanhas e cidades.’

“O primeiro dos gregos que teve o nome de filósofo – Pitágoras – ensinava em público a imobilidade da Terra e o

movimento dos astros à sua volta como um centro único da Criação, ao passo que declarava aos adeptos adiantados de sua doutrina a crença no movimento da Terra, como planeta, e na pluralidade dos mundos. Mais tarde Demócrito, Heráclito e Metrodoro de Chio, os mais ilustres de seus discípulos, propagaram do alto da cátedra a opinião de seu mestre, que se tornou a de todos os pitagóricos e da maior parte dos filósofos gregos. Filolaus, Nicetas e Heráclito foram dos mais ardentes defensores desta crença; este último chegou mesmo a pretender que cada estrela é um mundo que, como o nosso, tem uma terra, uma atmosfera e uma imensa extensão de matéria eterizada.”

Mais adiante acrescenta:

“Diz Laplace que a ação benéfica do Sol faz nascerem os animais e as plantas que cobrem a Terra. A analogia nos leva a crer que ela produza efeitos semelhantes em outros planetas, pois não é natural pensar que a matéria, cuja fecundidade vemos desenvolver-se de tantas maneiras, seja estéril num planeta tão grande como Júpiter, que, como o globo terrestre, tem seus dias, suas noites e seus anos e sobre o qual as observações indicam mudanças que pressupõem forças muito ativas... Feito para a temperatura que desfruta na Terra, não poderia o homem, segundo todas as aparências, viver em outros planetas. Mas não deve haver uma infinidade de organizações relativas às diversas temperaturas dos globos e dos universos? Se a única diferença dos elementos e dos climas é responsável por tantas variedades nas produções terrestres, quão mais devem diferir as dos planetas e satélites!”

A segunda parte é consagrada ao *estudo astronômico* da constituição dos diversos globos celestes, de acordo com os dados mais positivos da Ciência e da qual resulta que a Terra não está, nem por sua posição, nem por seu volume, nem pelos elementos de que se compõe, numa situação excepcional, que lhe tenha podido valer o privilégio de ser habitada com exclusão de tantos outros

mundos, mais favorecidos sobre vários aspectos. A primeira parte é de erudição; a segunda, de ciência.

A terceira parte trata a questão do ponto de vista *fisiológico*. Dando a conhecer o movimento das estações, as flutuações da atmosfera e a variabilidade da temperatura na maioria dos mundos que compõem o nosso turbilhão solar, as observações astronômicas salientam que a Terra se acha numa das condições menos favorecidas, um orbe cujos habitantes devem sofrer mais vicissitudes e onde a vida deve ser mais penosa. Daí o autor conclui não ser racional admitir haja Deus reservado para morada do homem um desses mundos menos favorecidos, enquanto os mais bem dotados seriam condenados a não abrigar nenhum ser vivo. Tudo isto é estabelecido não sobre uma idéia sistemática, mas sobre dados positivos, para os quais todas as ciências contribuíram: Astronomia, Física, Química, Meteorologia, Geologia, Zoologia, Fisiologia, Mecânica, etc.

Acrescenta ele: “De todos os planetas, o mais favorecido, sob todos os aspectos, é o magnífico Júpiter, cujas estações, apenas distintas, têm ainda a vantagem de durar doze vezes mais que as nossas. Esse gigante planetário parece planar nos céus como um desafio aos frágeis habitantes da Terra, dando-lhes a entrever os pomposos quadros de uma longa e suave existência.

“Para nós, que estamos presos à bolinha terrestre por cadeias que não podemos romper, vemos extinguirem-se sucessivamente os nossos dias com o tempo rápido que os consome, com os caprichosos períodos que os dividem, com essas estações desarmônicas cujo antagonismo se perpetua na desigualdade do dia e da noite e na inconstância da temperatura.”

Após o eloqüente quadro que o homem deve sustentar contra a Natureza, a fim de prover à sua subsistência, das revoluções geológicas que alteram a superfície do globo e ameaçam aniquilá-lo, acrescenta: “Depois de tais considerações, pode ainda

pretender-se seja este globo, mesmo para o homem, o melhor dos mundos possível e que muitos outros corpos celestes não lhe possam ser infinitamente superiores e, melhor que ele, reunir as condições favoráveis ao desenvolvimento e à longa duração da existência humana?”

Depois, conduzindo o leitor através dos mundos no infinito do espaço, faz que este veja um panorama de tal imensidade, que não podemos deixar de achar ridícula e indigna do poder de Deus a suposição de que entre tantos trilhões o nosso pequeno globo, desconhecido até de uma grande parte do nosso sistema planetário, seja a única terra habitada; e nos identificamos com o pensamento do autor, quando diz, ao terminar:

“Ah! se nossa vista fosse bastante penetrante para distinguirmos, onde apenas vislumbramos pontos brilhantes sobre o fundo negro do céu, os sóis resplandecentes que gravitam na amplidão e os mundos habitados que acompanham seu curso! Se nos fosse dado abarcar de um golpe de vista essas miríades de sistemas solidários e se, avançando com a velocidade da luz, atravessássemos durante séculos e séculos esse número ilimitado de sóis e de esferas, sem jamais encontrar limites a essa imensidade prodigiosa, onde Deus fez germinar os mundos e os seres; e se, voltando o olhar para trás, mas sem saber em que ponto do infinito encontrar de novo esse grão de poeira que se chama Terra, estacariamos fascinados e confusos ante tal espetáculo e uniríamos nossa voz ao concerto da Natureza universal, dizendo, do fundo de nossa alma: Deus poderoso! Como fomos insensatos em pensar que nada havia além da Terra, e que nossa pobre morada tinha, ela só, o privilégio de refletir tua grandeza e teu poder!”

De nossa parte terminaremos com uma observação: é que, vendo a soma de idéias contidas nessa pequena obra, a gente se admira de que um jovem, numa idade em que os outros ainda estão nos bancos escolares, tenha tido tempo de se apropriar delas

e, com mais forte razão, as aprofundar. É para nós a prova evidente de que seu Espírito não é principiante ou que, mau grado seu, foi assistido por um outro Espírito.

Subscrição em favor dos Operários de Rouen

Está aberta uma subscrição, no escritório da *Revista Espírita*, rua e passagem Santa Ana, 59, em benefício dos operários de Rouen, a cujos sofrimentos ninguém poderia ficar indiferente. Vários grupos e sociedades espíritas já nos enviaram o produto de suas cotizações. Convidamos os que tiverem a intenção de contribuir a apressar sua remessa, pois o inverno está aí! A lista será publicada. (Ver acima a comunicação do Sr. Sanson).

Allan Kardec

